

Os romancistas da Abolição: discurso abolicionista e representação do escravo nas obras de Bernardo Guimarães e Joaquim Manuel de Macedo

Mestrando Marcos Francisco ALVES

Orientadora Dra. Maria Amélia Garcia de ALENCAR

Faculdade de História/UFG

marcos-alves-gyn@hotmail.com

Órgão financiador: CAPES

Palavras-chave: literatura, escravidão, abolição

Introdução

A literatura brasileira do século XIX recriou a sociedade escravista do período. Nesse sentido, diversos literatos colocaram em suas produções personagens escravos, retratando-os de formas distintas. Pensando nisso, nosso propósito é analisar duas imagens antagônicas do escravo produzidas por Bernardo Guimarães e Joaquim Manuel de Macedo. Ambos romancearam a vida do escravo, pedindo pela abolição, mas suas ideias apresentam profundas diferenças.

Em *A Escrava Isaura*, Bernardo Guimarães nos mostra como uma escrava aparentemente branca, “que ninguém diria que tinha nas veias uma só gota de sangue africano”, vive o drama de ser submetida à “bárbara e vergonhosa instituição”, como o autor define a escravidão. Bernardo Guimarães escreve o romance direcionado à elite branca, tentando convencê-la da necessidade da abolição, usando do artifício de mostrar a escravidão vitimando uma pessoa de aparência e educação brancas.

Já Joaquim Manuel de Macedo se vale de outro argumento: também se dirige à classe proprietária de escravo, mas tentando aterrorizá-la, mostrando as devassidões, crueldade e o perigo que os escravos representavam. Por isso na trilogia de *As vítimas-algozes: quadros da escravidão* mostra escravos que corrompem, torturam e matam seus senhores, difundindo ódio e medo do escravo.

Assim, Bernardo Guimarães e Joaquim Manuel de Macedo apresentam duas visões distintas do escravo e da abolição. Nosso objetivo é apresentar aqui essas duas visões distintas através da análise de seus romances.

Material e métodos

A partir da análise e comparação dos romances dos dois autores, buscamos perceber o contexto social em que ambos se inserem. Para isso, situamos os autores em seu contexto, tentando mostrar como eles dialogam com seus contemporâneos, principalmente no diálogo que estabelecem com o pensamento de grandes abolicionistas como Joaquim Nabuco.

A abolição era o grande debate do momento. Macedo, ao publicar *As vítimas-algozes* em 1869 e Bernardo Guimarães publicando *A Escrava Isaura* em 1875 estavam imersos nesse debate. Dessa forma, dialogando com autores do período e com a historiografia recente sobre o tema, buscamos situar os dois literatos no debate do tema abolicionista. Valemo-nos do método comparativo, procurando mostrar as visões distintas e os projetos distintos que apresentam.

Nossas fontes centrais são obras literárias. Nesse sentido, foi fundamental uma reflexão sobre essa fonte e a metodologia necessária ao seu tratamento. Apesar de se tratar de textos literários, isso não diminui em nada o seu peso documental. Segundo Roger Chartier quando textos literários são usados por historiadores “perdem a sua natureza literária para serem reconduzidos ao estatuto de documento”. (CHARTIER, 2002, p. 62). Tal como qualquer outro documento, a obra literária tem que ser analisada, discutida, desconstruída e comparada a outras fontes. E foi o que buscamos fazer.

O conceito de representação foi central. Buscamos perceber nos romances como a figura do escravo é representada, constatando que os dois literatos possuem duas representações bem distintas. Num sentido maior, o conceito adquiriu outra conotação: representação é a maneira como práticas sociais do passado são apreendidas no presente. Chartier chama a atenção para o fato de que construímos uma representação do passado, pois é impossível se fazer um registro fiel das práticas passadas. (2002, p. 61). Assim, para além de perceber a representação do escravo nas obras literárias, fizemos uma representação daquele período, integrando os dois literatos no debate abolicionista.

Analisando a representação do escravo nas obras e buscando fazer uma representação do debate abolicionista do período, nosso objetivo foi analisar o discurso abolicionista presente nos textos literários. Para além da “representação”, buscamos fazer uma análise daquele contexto histórico, vendo nas entrelinhas dos romances ideias e preceitos abolicionistas. Em Bernardo Guimarães este discurso

se mostra de forma mais sutil, já em Macedo, em diversas passagens da trilogia de *As vítimas-algozes* o autor pede pelo banimento da escravidão.

Resultados e discussão

Pela análise dos romances de Bernardo Guimarães e Joaquim Manuel de Macedo, pudemos perceber como os autores se valeram dos debates abolicionistas daquele período para escreverem seus textos. O literato está imerso nos acontecimentos de seu presente. Nesse sentido, a análise da obra literária requer uma atenção tanto ao texto quanto ao seu contexto. Dessa forma, procuramos fazer: analisando os romances em si e o contexto histórico em que estão imersos.

Em *A Escrava Isaura*, escrito em 1875, Bernardo Guimarães remonta aos anos 1840, “nos primeiros anos do reinado do Sr. Pedro II”. Na época em que escreveu o livro, já aprovada a Lei do Ventre Livre em 1871, havia um resfriamento do debate da abolição propriamente dita, que será retomado apenas em 1879 e início da década de 80. Mas, tentando reanimar os debates, Bernardo Guimarães tenta sensibilizar o público com o drama de Isaura, escrava que luta contra as artimanhas de seu algoz e sonha com liberdade. E realmente sensibilizou, tornando-se uma obra de grande popularidade. Foi “um romance que muito sensibilizou a sociedade da época”, como disse Antônio Torres Montenegro em sua obra *Abolição*. (MONTENEGRO, 1988, p. 8).

O debate abolicionista aparece no romance através do diálogo de dois personagens. Álvaro, o enamorado de Isaura, era um abolicionista convicto, por isso tira sua amada da condição de cativa. O personagem clama que: “A escravidão em si mesma já é uma indignidade, uma úlcera hedionda na face da nação, que a tolera e protege. Por minha parte, nenhum motivo enxergo para levar a esse ponto o respeito por um preconceito absurdo, resultante de um abuso, que nos desonra aos olhos do mundo civilizado.” (GUIMARÃES, 2005, p. 110). Assim, a escravidão brasileira é tida como uma desonra nacional, que envergonha o país diante do mundo.

Apesar dessa condenação do sistema escravista brasileiro, o romance *A Escrava Isaura* é muito criticado em relação à condenação da escravidão apenas em relação à figura de Isaura. Tal fato se evidencia quando Leôncio diz à Isaura: “Livre és tu, porque Deus não podia formar um ente tão perfeito para votá-lo à escravidão”.

(GUIMARÃES, 2005, p. 64). E quando o seu amado Álvaro clama: “[...] Pode um homem ou a sociedade inteira contrariar as vistas do Criador, e transformar em uma vil escrava o anjo que sobre a Terra caiu das mãos de Deus?” (GUIMARÃES, 2005, p. 110). Ou seja, Isaura, o “ente perfeito”, “o anjo” não condizia com a condição de escrava. Excluindo o ente perfeito chamado Isaura, a manutenção de qualquer outro escravo nesta condição era absolutamente natural.

Criticas à parte, em *A Escrava Isaura* “Bernardo Guimarães não se furta de expor seu projeto abolicionista” tal como afirmou Antônio Torres Montenegro. (1988, p. 8). A representação do escravo em Bernardo Guimarães passa por esse branqueamento, escravos que deixaram seus resquícios afros para adentrarem ao mundo branco e cristão. Isaura é branca fisicamente e culturalmente, teve uma esmerada educação e foi criada nos preceitos cristãos. Com toda sua superioridade, Isaura não condiz com a condição de escravo. Assim Bernardo Guimarães resume seu discurso abolicionista: a escravidão era injusta para Isaura.

Joaquim Manuel de Macedo fez outro percurso: condenou o sistema escravista, não pensando na condição do escravo, mas no lado senhorial. A escravidão produzia vítimas-algozes, escravos que de vítimas se tornavam algozes. Segundo o autor os escravos são “vítimas pela prepotência que lhes impõe a escravidão, algozes pelo dano que fazem, pelas vinganças que tomam, pela imoralidade e pela corrupção que inoculam.” (MACEDO, 2010, p. 185). Macedo representa os escravos como devassos, cruéis, assassinos. Sua intenção era difundir o medo do escravo, mostrando que a escravidão os tornava perigosos. Segundo Luiz Felipe de Alencastro “Macedo sustentava que a escravidão era péssima porque tornava o cativo um criminoso, um verdugo de seus senhores.” (ALENCASTRO, 1997, p. 91). Já que a escravidão os tornava algozes, capazes de cometer medonhos crimes, Macedo clama pela necessidade da abolição.

Lançada em 1869 em meio à crise liberal no Parlamento, momento em que os conservadores subiram ao poder, a trilogia de Macedo não foi recebida com bons olhos. Sidney Chalhoub destaca que o texto de Macedo é um “grito de protesto, exprimindo a disposição de lutar contra aquilo que se percebia como o abandono dos projetos de emancipação que vinham sendo discutidos havia três ou quatro anos.” (CHALHOUB, 2003, p. 163). Ou seja, *As vítimas-algozes* era uma tentativa de reacender o debate emancipacionista no Parlamento, fazer a voz liberal contida

na obra surtir efeito entre os conservadores que naquele momento estavam no poder sob o comando do visconde de Itaboraí. Mas o apelo de banimento da escravidão que Macedo faz explicitamente em *As vítimas-algozes* encontrou séria resistência dos conservadores.

Conclusões

Uma obra literária só é definitivamente compreendida levando-se em conta o seu contexto. Analisando o discurso abolicionista e a representação do escravo presentes nos romances de Bernardo Guimarães e Joaquim Manuel de Macedo, podemos perceber como os autores dialogaram com o debate abolicionista e como apresentam projetos distintos. Para Bernardo Guimarães, a abolição é entendida como uma medida humanitária que tiraria milhares de escravos do cativeiro. Para Joaquim Manuel de Macedo, uma medida para beneficiar a classe senhorial, que se veria livre de escravos devassos e cruéis. O primeiro levantou a imagem do “bom escravo”, o segundo se valeu do “escravo perverso”. Os dois autores nos forneceram elementos para analisar a sociedade do período em relação a essa representação distinta do escravo e ao discurso abolicionista que permeia suas obras.

Referências bibliográficas

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: _____ (org.) *História da Vida Privada no Brasil: Império: a corte e modernidade nacional*. Volume 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *As vítimas algozes: quadros da escravidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *Abolição*. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1988.